

PROJETO | MEMÓRIA EM AÇÃO: AS MINHAS MEMÓRIAS, A NOSSA HISTÓRIA



Foto: Museu de Lagos | Helena Simão

ENTREVISTA

PEDRO MANUEL SANTA RITA FIGUEIREDO MAGALHÃES nasceu em Lisboa, em 1946.

Formou-se em Arquitectura, área em que exerceu funções durante toda a sua vida profissional.

Foi eleito presidente da Junta de Freguesia da Luz no mandato de 2009-2013

Em 25 de Abril de 1974, vivia em Lisboa. Soube da notícia em casa, através de um telefonema.

DESCRIÇÃO

Código de Referência: PT/ML/AML/C/3/35/000017

Título: Entrevista a Pedro Manuel Santa Rita Figueiredo Magalhães

Data: 29/09/2023

Local: Instalações da Junta de Freguesia da Luz

Tipo: Entrevista áudio formato M4A

Duração de gravação: 00:27:42

Entrevistador: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Registo fotográfico: Museu de Lagos / Helena Simão

Transcrição: Mário Lino

Revisão e edição: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Texto revisto e validado pelo entrevistado a 19/04/2024.



M L MUSEU
DE LAGOS

Patrícia de Jesus Palma (PJP): *Senhor Pedro, muito obrigada pela sua disponibilidade em colaborar com o projeto Memória em Ação, aceitando conversar connosco sobre as suas memórias relativas ao 25 de Abril de 1974. Começo por lhe perguntar: vivia na Luz quando se deu o 25 de Abril?*

Pedro Manuel Santa Rita Figueiredo Magalhães (PMSRFM): Não, vivia em Lisboa.

PJP: *E quais são as recordações que tem desse dia?*

PMSRFM: Começam no dia anterior. Porque, no dia anterior, jogava uma equipa portuguesa de futebol na Alemanha – então, Oriental – eu e um desenhador que trabalhava comigo decidimos ir ver o jogo – que era uma coisa muito rara na altura, jogos de futebol na televisão –, fomos ver o jogo a casa dele, que era na Baixa, coisa que é quase impossível de acontecer agora, viver na Baixa de Lisboa... No Rossio, ao entrar para o Metropolitano, o tempo pareceu-me estranho. O dia 24 de Abril estava a anoitecer assim muito cinzento, mas pensei: “Isto está esquisito. Qualquer coisa se passa... Não sabia o que seria o dia seguinte, só sabia que ia para o Metropolitano, e pronto...”

PJP: *Teve esse sentimento...*

PMSRFM: Tive esse sentimento. Pronto, e no dia seguinte...

PJP: *E como é que soube da notícia?*

PMSRFM: Uma tia minha, que era casada com um oficial da Marinha, telefonou às seis da manhã para a nossa casa, a dizer que desta vez é que era. O marido estava lá envolvido, acho eu. E pronto. Nesse dia, não saí de casa. O meu irmão saiu, que era médico, foi para o hospital. Pediam enfermeiros, médicos, etc. Eu fiquei em casa e no dia 26 saí.

PJP: *E qual era o ambiente? Como é que encontrou Lisboa no dia 26?*

PMSRFM: Muita cantoria. Tem a ver, talvez, um pouco com... o início da operação foi a “Grândola” e o “Depois do Adeus”, não é? E... pá, muita gente a cantar. Aquelas músicas que eram mais ou menos proibidas, antes.

PJP: *As canções de intervenção?*

PMSRFM: As cantigas de intervenção. E toda a gente cantava.

PJP: *E qual era o sentimento que se vivia nas ruas? O seu, e em geral?*

PMSRFM: O meu era de contentamento, sobretudo porque – ainda não tinha dito, mas eu ainda não tinha ido para a tropa – e a tropa era, no fundo, ir para as colónias, uma

coisa dessas, que não me estava nada a apetecer. Para mim, no fundo, foi um alívio. As outras pessoas não sei, estariam contentes. Estavam a cantar. Tristes não estavam.

***PJP:** Mas, para si, foi, sobretudo, o tirar do horizonte essa perspetiva de cumprir serviço militar?*

PMSRFM: Acabei por ir, mas já noutras condições.

***PJP:** E sentiu algumas alterações depois, já no seu dia-a-dia, até a nível profissional?*

PMSRFM: Não, pois, passados três meses, fui para o serviço militar.

***PJP:** E quanto tempo esteve no serviço militar?*

PMSRFM: Estive dois anos.

***PJP:** Quando regressa, as coisas estavam já mais normalizadas?*

PMSRFM: Quando regresssei à vida profissional, fui-me embora, fui para Macau. E, depois, estive dois anos lá e o pós-25 de Abril, praticamente, não o experienciei cá. Enfim, como militar estive esses dois anos... Por acaso, não estive cá todos, porque me mandaram para Timor e depois me mandaram para os Açores. Passei muito tempo fora, nesses dois anos de vida militar. Voltei em 1978 para aqui.

***PJP:** Para a Luz, para Lagos?*

PMSRFM: Para a Luz.

***PJP:** Nessa altura, veio trabalhar?*

PMSRFM: Não, vim passar um ano a descansar.

***PJP:** Uma sabática?...*

PMSRFM: Não se chamava assim, mas, pois... Mas um colega meu, de curso, que era arquitecto e que trabalhava na Câmara, mas que simultaneamente tinha um gabinete cá fora e não podia acumular as duas coisas, desafiou-me a ir para o lugar dele e foi assim há trinta e tal anos...

***PJP:** A trabalhar na Câmara Municipal? Antes disso: para quem cresceu e se formou em Lisboa, andou por fora com várias experiências... Quando chegou a Lagos, qual foi a sua primeira reacção ao que era Lagos dessa altura?*

PMSRFM: Já conhecia Lagos, porque passava cá férias. Não foi surpresa, a cidade e a sociedade, digamos assim. Era o que eu estava à espera. Não foi difícil a adaptação.

***PJP:** Em termos políticos, começou a ter algum envolvimento com a cidade?*

PMSRFM: Há pouco tempo dei uma entrevista – se calhar vou repetir-me um pouco – para um trabalho de uma técnica municipal, no âmbito de uma avaliação que têm de fazer anualmente. Resolveu fazer um trabalho e queria saber das pessoas com quem ela se tinha cruzado, o que pensavam desses tempos de carreira municipal, como é o meu caso. E eu disse-lhe que em 1978, 79 era um orgulho trabalhar na Câmara.

PJP: *E o que é que isso significava?*

PMSRFM: Que era um serviço que se estava a prestar à população, na Câmara. Não sei bem como é agora, mas parece-me que é diferente. Até porque era assim que se chamavam os serviços: o “Serviço de Obras”, os “Serviços Municipalizados”, etc. e éramos poucos, muito poucos para tanto.

De maneira que sentíamos um certo orgulho. Isso, eu referi-o nessa pequena entrevista, bem como outra coisa que acontecia naquele tempo. Nos anos 80, não havia muito que fazer, Lagos era pequenino. No Inverno, quando o turismo ia embora, jogávamos futebol de cinco com outras agremiações, associações recreativas. E jogava toda a gente. O presidente...

PJP: *Havia uma equipa da Câmara em que todos jogavam?*

PMSRFM: Sim, inclusivamente o presidente. E como eu disse, se houvesse um hino municipal, a gente tê-lo-ia cantado a plenos pulmões!

PJP: *Por causa desse sentido do serviço público?*

PMSRFM: Depois, começaram a “inventar” as Secções e as Divisões...

PJP: *Passou a ser uma divisão e uma secção.*

PMSRFM: E foi assim. Na minha área, foi um período também interessante porque com a ajuda de gabinetes exteriores, lançaram-se os Planos de Urbanização, que não havia. Não havia em Lagos e havia muito pouco aí pelo país. Foi uma novidade. Foi interessante.

PJP: *E nessa altura trabalha com o arquitecto Rui Paula?*

PMSRFM: Não. Trabalhava com um arquitecto que a Câmara contratava, chamado José Conceição Dias, que dava apoio à Câmara. Durante um tempo, trabalhei para eles e para a Câmara e depois passei a ter um vínculo à Câmara.

PJP: *E o Plano de Urbanização vai organizar...*

PMSRFM: Havia os planos da Luz, da Meia-Praia, e o de Lagos que vão organizar o território, mais ou menos. Enfim, naquele tempo os planos ainda não... não eram como hoje se fazem.

PJP: *E como é que se abre caminho para vir a ser o presidente da Junta de Freguesia da Luz?*

PMSRFM: Ah! Isso foi muito mais tarde! Passados trinta anos, reformei-me. E não me apetecia ir logo para casa, assim... Eu nunca me envolvi muito, politicamente, por várias questões. Mas, nessa altura, pensei no que iria fazer a seguir, para não ir abruptamente para casa. E desafiaram-me: “– Eh, pá, porque não vais para presidente da Junta? O Sr. Borba está cansado e tal...” E eu disse: “– Está bem!”. E tive o apoio do Partido Socialista, porque esses que me desafiaram eram do Partido Socialista. E assim foi. Ao fim de três meses estava aqui, tinha sido eleito.

PJP: *E como foi a sua participação no exercício do Poder Local? O que é que o guiou durante esse período?*

PMSRFM: Foi um período ingrato, porque houve problemas da Banca, havia muito pouco financiamento, inclusivamente na Câmara, que se refletia na Junta... Uma crise financeira. De maneira que os anos de 2009 a 2013 havia muito pouca disponibilidade financeira, fazia-se pequenas obras, que eram reclamadas pelos fregueses, outras porque eram necessárias, mas não era assim nada de extraordinário. Não se contava o dinheiro, mas quase.

PJP: *O que é que guarda de melhor memória desse período, de serviço público?*

PMSRFM: Foi no fundo o complemento ao serviço militar, que já tinha cumprido, tinha de complementá-lo com um serviço civil. Tudo bem, cumpri com a nação. Eu tinha 30 anos de contacto com o público, porque, para além de apreciar projetos e de fazer uns “bonequinhos”, tinha de receber as pessoas e saber o que elas queriam e de tentar resolver os problemas delas. Era a mesma realidade, mais urgente, com a pressão que existe nas relações de proximidade.

PJP: *Esse serviço ao público foi o que o mobilizou, sempre?*

PMSRFM: Não era uma coisa que eu andasse a correr atrás, mas estava presente.

PJP: *Quer como profissional, quer como agente do poder local, acaba por dar esse apoio às estruturas da democracia e do poder local, que são dos principais resultados do 25 de Abril. A instituição do poder local, a proximidade às populações...*

PMSRFM: Como digo, não é uma coisa que me impelisse – “ah! vou fazer isto” – mas era um exercício que eu gostava de praticar.

PJP: *E depois dessa experiência, como presidente da Junta, afastou-se?*

PMSRFM: Ah, sim, foi uma condição. Eu disse: “– Está bem, mas um mandato chega.” De maneira que eles começaram a preparar a sucessão sei lá, no ano anterior. Para quem quisesse tomar aquilo em mãos.

PJP: *Voltando agora um pouco atrás, ao período da infância e da juventude. Teve que percorrer de formação?*

PMSRFM: Sim, a minha família era da média burguesia. Fui para a Escola Primária e depois para o Liceu Camões.

PJP: *Nessa altura, já começava a sentir alguma movimentação estudantil?*

PMSRFM: Nos últimos anos. Nos últimos anos do Liceu, surgiu uma coisa que se chamava a Pró-Associação do Ensino Secundário, uma história dessas. Que acabava sempre mal, com intervenção da polícia, que dava sempre umas sovas grandes. Mas, no Liceu, só os mais velhos é que estavam interessados e mais motivados. Nesse tempo, começou a guerra colonial e os estudantes estavam mais assustados, porque podiam ir participar e não acabavam os cursos. Depois, em Belas Artes, já havia mais. Até porque, tradicionalmente, a Escola era vista como um lugar com pessoas mais contestatárias aos 30 anos do regime. Não participei assim em grande... Assistia às reuniões e tal. Também, éramos poucos.

PJP: *E nas reuniões, eram mais os estudantes?*

PMSRFM: Sim.

PJP: *Os professores eram mais pró-regime. Pelo menos, publicamente, mantinham...*

PMSRFM: Começou a haver alguns que assistiam, pelo menos, ouviam. Ainda me recordo de um par deles. O Nuno Portas, o Bartolomeu Cabral, que assistiam a essas reuniões, os outros... menos. Tinham receio, se calhar, ou mais que fazer.

PJP: *E houve algum episódio que o tivesse marcado especialmente, dessa altura?*

PMSRFM: Sim, uma vez dois ou três dos meus colegas foram presos. Devem ter-se portado pior, lá numa manifestação. E a PIDE caçou-os. E passado três dias apareceram com o cabelo rapado. A primeira coisa que a PIDE lhes fez foi cortar o cabelo a todos. E pronto, lá estavam eles. O cabelo cresceu. Mas, a gente queria ouvir tudo. Contarem o que tinham feito, o que tinham comido, etc. Essas coisas.

PJP: *Isso marcava os diretamente envolvidos, mas servia também de aviso a todos os outros, não era? Neste período todo aqui em Lagos há alguma coisa que guarde com especial carinho, do que foi fazendo, do que foi construindo, ao longo de 30, 40 anos?*

PMSRFM: Não, não posso apontar assim algo que se destaque. Foram tempos agradáveis, de vida vivida. Quer dizer que ainda cá estou, não é?

PJP: *Atualmente, vive na Luz?*

PMSRFM: Sim, vivo na Luz.

PJP: *E a própria freguesia, que mudanças é que reconhece, desde o tempo em que chegou, até à atualidade?*

PMSRFM: São imensas. A começar por Lagos, que Lagos pouco saía das muralhas e agora é o que é. E a Luz, a mesma coisa. A Luz era uma aldeia de pescadores, ainda havia pescadores que saíam todos os dias, ali na areia. Outros iam para Lagos e trabalhavam em barcos maiores. E começava o turismo. A Luz foi sempre um sítio que atraiu os ingleses, não sei porquê. Quer dizer, sei. Tinha havido as guerras coloniais e os ingleses tinham dado a independência aos países africanos. Dizem que os que de lá saíram, resolveram poisar no Algarve, que era um sítio mais ou menos parecido com África, em termos de área pouco ocupada, pessoas para trabalhar e tudo muito barato. E eles vieram para aqui. E fixaram-se aqui, alguns. A Luz era uma terra pequenina, alguns fixaram-se na Luz. Escolheram logo os sítios melhores, é evidente. E ali se estabeleceram.

PJP: *E que tipo de atividades é que vieram estimular?*

PMSRFM: Havia muitos restaurantes, compravam casas, muitos terrenos e criavam movimento. Porque isto era apenas os pescadores e essa nova colónia de britânicos, que aqui se instalaram, animaram a zona da praia.

PJP: *E a atividade agrícola? Calculo que fosse ainda significativa quando cá chegou...*

PMSRFM: Notava-se menos, porque eram mais pacatos do que os pescadores... Os pescadores eram mais barulhentos. E viviam mais nos “casais”, nos “montinhos”, mais para o interior da freguesia. Enfim, os terrenos estavam mais tratados com as culturas tradicionais. Mas eu, como passava cá férias, ia mais para a praia. Tinha mais convívio com os pescadores, com os filhos dos pescadores, com que jogava à ola.

PJP: *Senhor Pedro, muito obrigada pelo seu testemunho.*

Referência para citação: MUSEU DE LAGOS / PALMA, Patrícia de Jesus – *Entrevista a Maria Joaquina Baptista Quintans de Matos*. 2023-09-29. 6 p. Acessível, com a ref.ª PT/ML/AML/C/3/35/000017, em <https://abrir.link/WkQtA>.